

Alessandra Colasanti é autora, diretora, atriz, cenógrafa e figurinista (graduada pela Uni-rio), videomaker, roteirista e produtora. Como diretora destacou-se com “Regurgitofagia” e como autora com “Ovo Frito” e “A Verdadeira História da Bailarina de Vermelho”.

PALIMPSESTO - O que te levou a escrever para o palco, e como isso se deu num primeiro momento?

ALESSANDRA - Sempre gostei muito de escrever. Mas não comecei a escrever porque queria escrever pra teatro especialmente. Eu simplesmente trabalhava com teatro. Comecei como atriz, me graduei como cenógrafa e figurinista e só depois comecei a dirigir. Comecei a escrever porque senti vontade, mais movida por um ímpeto de realização, de criação de uma cena em sua plenitude, de conjugar diferentes meios, do que necessariamente por um desejo de escrita, acho. Não consigo enxergar meu texto dissociado do exercício da direção. Nunca escrevi para outras pessoas, pelo menos não até agora. Além disso, sei que a minha atriz interfere muito na embocadura do meu texto, não trabalho com personagens realistas, individualizados, com unidades fechadas de representação. Tenho consciência de que a minha persona artística perpassa todo o meu trabalho: seja o texto, direção ou atuação, acho difícil dissociar escrita cênica de escrita dramática. Foi meu olhar que me levou a escrever, meu olhar como artista, se eu atuo, dirijo, faço roupas, ou vídeos isso é apenas consequência, não importa, no fundo tudo é escrita. Eu simplesmente saio fazendo.

PALIMPSESTO - Quais as questões e temas que mais te inspiram?

ALESSANDRA - Linguagem, linguagem, linguagem. Não tenho interesse por histórias, claro que histórias, narrativas lineares me fascinam, elas são elementos estruturantes do ser humano em todas as culturas. Mas minha cabeça não funciona assim. Mesmo quando assisto a um filme, ou leio um romance o que me desperta a atenção e curiosidade são as escolhas do diretor, ou do escritor, o uso que ele faz da linguagem, procedimentos e dispositivos. Quanto mais disjuntiva, quanto mais despedaçamento de signos houver, mais serei fisgada. O que me inspira é o que está por trás, os mecanismos, os fios da marionete. Fora isso me interessa a crítica do campo artístico, discussões e disputas em torno do significado da arte, dos valores da modernidade e da pós-modernidade, e tudo que diga respeito ao nosso tempo histórico.

PALIMPSESTO - Quais as dificuldades contextuais (patrocínio, etc.)

ALESSANDRA - As dificuldades são todas. É um exercício de guerra a escolha desse ofício. O teatro é artesanal, e está à margem da sedução da grande mídia, quanto mais o teatro pelo qual me interesso e que desenvolvo. Trabalho com conceitos e idiosincrasias. O estranho me seduz e nesse aspecto é ainda mais árduo, se você opera na diferença suas chances de ressonância talvez sejam menores, mas é paradoxal, porque no fundo, se aguda, pungente, é a diferença que todos almejam e reverenciam. Faço teatro profissionalmente há dez anos. Só recentemente comecei a ser agraciada com patrocínios. No último ano o Itaú Cultural, Oi Futuro e CCBB se interessaram em financiar projetos meus. É um conagraçamento, é uma glória, o reconhecimento, ecoar, e ao mesmo tempo sem isso fica difícil seguir adiante. Não tem messianismo. É um

trabalho. O dinheiro precisa existir. O SESC é uma instituição fundamental para a cultura desse país, também já fiz alguns projetos com eles. Mas, via de regra, para você chegar a conseguir um patrocínio - no meu caso que também não trabalho com célebres - além do conceito do projeto, me parece que o reconhecimento da mídia, da crítica e do circuito de festivais é fundamental na construção desse percurso. Mas é difícil em todas as áreas, o Brasil não se destaca exatamente pelo apoio financeiro à cultura. Se você quer ser artista vai penar. Mas pode ser que dê certo. Se tiver vocação pra aguentar o tranco e talento (muitas vezes mais vocação do que talento) a pessoa mais cedo ou mais tarde entra no circuito.

PALIMPSESTO - Quais os maiores desafios formais para se escrever teatro, numa época em que a ruptura já é o padrão, e às vezes é até banalizada no teatro, na arte e nos meios de comunicação?

ALESSANDRA – A questão da ruptura é do nosso tempo. Ou melhor, de um tempo anterior ao nosso. A ruptura é uma noção circunscrita à modernidade. A pós-modernidade - deliberadamente lança mão da terminologia pós-moderna aqui, ciente da complexidade que ela trás, poderia dizer moderno-contemporaneidade, ou simplesmente contemporaneidade, tanto faz, me refiro ao que aí está – pois bem, a pós-modernidade não opera na ruptura, simplesmente porque o mundo parou de avançar, não tem mais uma coisa depois da outra. Romper com o quê? O progresso é uma utopia moderna, nosso tempo é o tempo da simultaneidade, o conceito de constelação de que Benjamim fala, tá tudo aí, tá tudo dado. Mas ao mesmo tempo não tá, isso é óbvio. Não trabalho para superar o que veio antes, trabalho porque quero falar, dizer coisas com a minha arte, acreditando que conexões surpreendentes são sempre possíveis. Acho que vivemos mesmo um período de transição e por isso a confusão, ao mesmo tempo em que a pós-modernidade é nosso solo silencioso, como diria Foucault, nosso zeitgeist, o mundo moderno nos é muito próximo, é formativo também. A internet e a novela da tv coexistem e emitem discursos díspares. Nós somos fruto desse cruzamento de lógicas e princípios variados. Parafraseando Heidegger, a função do artista é produzir um discurso que seja revelador da *polis* de seu tempo, o autêntico artista funcionaria como uma espécie de antena: teria a capacidade de detectar sentidos no todo disperso do discurso cultural e aglutiná-los em obra. Isso é lindo. É isso que me move. E se a banalização é um fato, então que ela se torne tema também, conceito, não é uma questão de repetição estéril, de reproduzir os mesmos formatos e padrões continuamente, a liberdade é muito grande. O que falta é olhar crítico e distanciado sobre o mundo, distanciamento sobre os próprios afetos. Inclusive atualmente estou em processo de ensaio de um novo trabalho, texto e direção meus, e adivinhe o título, *Banal*.